

Hesíodo – O que é um Deus.

A criação do Mundo é a temática para que Hesíodo ao longo da *Teogonia* crie o Mundo dos Deuses gregos, desde o seu nascimento até às grandes batalhas que irão travar pelo domínio. Das linhas que compõem a sua obra saem também as bases para um conjunto de narrativas que viriam a surgir como sequelas dos seus escritos.

Apesar da autoria ser de Hesíodo, o próprio autor começa por nos explicar que o acesso à história dos Deuses está vedada aos mortais, razão pela qual a história que nos conta não foi por si descoberta: foram as Musas que lhe cantam como nasceram os Deuses “doadores de bens”, permitindo desta forma que Hesíodo nos transmita a história que estas lhe trouxeram, depois de lhes pedir que lhe cantassem como os Deuses dividiram a opulência e repartiram as honras.

Pelas Musas arranca a *Teogonia*, ainda que estas confidenciem ao próprio autor que tanto conseguem mentir como “dar a ouvir revelações”, inspirando dessa forma no autor a glória do “futuro e do passado”, mas sem nunca distinguirem entre o que pode ser mentira ou o que pode ser verdade.

São alguns os traços comuns que podemos recolher no início da obra que nos permitem começar a desenhar um esboço geral sobre os Deuses. A começar pelo facto de nenhum homem mortal ter permissão de conhecer a sua história sem ajuda divina. Outra informação podemos deduzir da realidade dúbia que as Musas apresentam a Hesíodo. Se também as inspiradoras de toda a arte são de duas faces, cantando de idêntica forma a verdade e a mentira, também os Deuses terão como característica esta dupla faceta, mesmo que se manifeste de outras formas.

Na obra de Hesíodo, os Deuses assumem algumas características antropomórficas, não só pela longa ligação que o autor faz entre os Deuses em termos genealógicos, mas também porque surgem retratados como personagens que respondem aos mesmos impulsos em que caem os mortais, como o desejo, a luxúria e a ambição pelo poder e controlo, impulsos esses que procuram saciar sem olhar a meios e sem quaisquer problemas em recorrer à violência, seja contra os mortais, seja contra a própria família.

O início da criação surge com os Deuses primordiais, que habitam na “segura mansão de todos os imortais”, a Terra, e com residência fixa nos píncares do Olimpo coberto de

neve. Se ao início nenhum deles nasceu sendo fruto do Amor, explica-nos Hesíodo, coube a Eros incutir nas primeiras divindades os conceitos de Entedimento e Vontade.

A criação vem do Caos. Depois do Caos, a Terra e Eros são os primeiros Deuses a tomar lugar no palco que Hesíodo monta. Do seio do Caos surge o Érebro e a “negra Noite”, sendo que desta nasce o Éter e o Dia, mas antes já a Terra tinha criado Urano, para que a cobrisse e lhe permitisse ser a mansão segura de todos os Imortais. As Montanhas, as Ninfas e o Mar seguiram-se nas criações da Terra. Os primeiros seres da *Teogonia* nascem assim da divisão de uma Divindade original, que permanece imutável, à imagem do primeiro passo da Criação, quando a Terra emerge do Caos. A fecundação surge apenas quando o enlace entre Terra e Urano dá origem aos Titãs. Oceano, Ceo, Crio, Hiperión e Jápeto são os Titãs. Teia, Reia, Témis, Mnemósine, Febe e Tétis são as Titânides. O mais jovem de todos, porém, foi Crono.

É nestes Deuses que são criados pela união de Divindades que encontramos uma maior aproximação aos mortais/humanos, já que é nestes que nascem os sentimentos de ódio e de sede de vingança, depois do Pai destes os condenar à vida na escuridão “nas entranhas” da Terra, por temer que algum lhe reclamasse o poder. Além do ódio e da vingança, é também nos Titãs que descobrimos outra característica muito humana: Foi o “terror” e o medo que os impediu de responder ao apelo de revolta contra o Pai, à exceção de um - coube a Crono vingar-se do Pai, autor “primeiro (...) de obras infâmes”, impelido e ajudado pela Mãe. Apesar disso, a promessa de vingança recaiu sobre todos, ficando lançadas as bases para uma guerra que todos os Deuses ficaram condenados a travar.

As lutas violentas pela sucessão presentes na *Teogonia* mostram também os Deuses como um reflexo de uma preocupação humana transposta para a Mitologia, com as divindades mais antigas a mostrarem-se renitentes e resistentes a ceder o poder aos Deuses mais novos, até que estes, munidos de vontade e ousadia, decidem assaltar definitivamente o trono. Esta guerra, porém, é aparentemente interminável: os Deuses são imortais, o que leva a que este conflito só termine quando a supremacia de Zeus subjuga os demais – casando com descendentes de cada uma das diferentes linhagens de Deuses, do Caos, Mar e Céu/Terra.

Por fim, Hesíodo não deixa de referir ao longo da sua obra que também os Deuses podem e devem ser punidos pelos delitos que cometem, estando esta missão nas mãos

das Moiras, Keres e das Hespérides, descendentes da Noite que as criou “sem se ter unido a nenhum dos Deuses”. São estas que devem perseguir os delitos dos homens e dos Deuses, independentemente de quem sejam, até castigarem o culpado. Igual missão têm para com os mortais, a quem ainda concedem o que é bom e mau.

Bibliografia

PUCCI, Pietro, “*The Poetry of the Theogony*”, in “*Brill’s Companion to Hesiod*”, pgs. 37 – 70, editado por Franco Montanari, Antonios Rengakos e Christos Tsagalis, Brill, 2009

FUTRE PINHEIRO, Marília P, “*Mitos e Lendas - Grécia Antiga, Volume I*”, 1ª Edição, Lisboa, Centralivros, Outubro de 2007

HESÍODO, “*Teogonia*”, Revisão de Miguel Antunes Pereira, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Dezembro de 2005